

BOLETIM DO GRUPO PET CR-UFPEL



Por Elisa Elias Cabete
Bolsista do Grupo PET CR

PET  Conservação e Restauro



EDITORIAL

Não faz muito tempo, um colega Petiano vinha ao Boletim dar sua saudação comentando o quanto as coisas tinham mudado, e hoje o sentimento permanece! O primeiro boletim do ano vem com o mesmo sentimento de mudança e reestruturação. Os novos membros do PET com certeza vão concordar comigo que não tivemos o ano mais monótono de todos, mas apesar dos obstáculos estamos juntos em uma nova jornada. Acredito que o mesmo pode ser estendido aos colegas de curso, e aqui aproveito para dar as boas-vindas a nova professora em nosso convívio familiar, a Profa. Ms. Raquel F. G. Augustin, que sua estadia conosco seja longa e produtiva.

Em momentos em que o tempo parece voar e as palavras se espalham com grande comoção, desejo aos meus colegas, petianos ou não, que sempre mantenham o olhar no horizonte e que não deixem pequenos desentendimentos embaçarem suas visões da verdade. Em tempos como o que vivemos, em que o ódio ao próximo e a falta de informações parecem predominar, devemos manter a visão limpa e um pensamento crítico não somente das nossas ações, mas também das ações dos que nos cercam.

Esse ano tivemos também a oportunidade de trabalhar ao lado do curso de Museologia, na elaboração de mais uma jornada integrada. Tal parceria nos traz um frescor e a alegria de ter pessoas tão criativas e importantes ao nosso lado, o que nos faz lembrar da importância de sempre reforçarmos os laços entre nossos cursos, e criar pontes para futuras atividades profissionais.

Acredito ser de grande importância os laços criados durante nossa formação profissional, pois é a partir deles que iremos montar uma base para o nosso futuro. Diante disso com meu primeiro boletim no grupo Pet Conservação e Restauro desejo que todos possam criar laços importantes para sua formação profissional, e para sua vida, por que não? Ao mesmo tempo gostaria de desejar boa sorte ao Petiano André Maragno, que tanto contribuiu não só com o Pet mas com o curso de forma geral e que agora segue um novo caminho, e que nossos caminhos possam, quem sabe, se cruzar novamente.

EXPEDIENTE

O Boletim PETCR é uma publicação semestral do grupo de Educação Tutorial do Curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da Universidade Federal de Pelotas. Objetiva ser um veículo das ações do grupo, voltadas para o fomento das experiências acadêmicas no campo do Patrimônio Cultural e para a divulgação da profissão do Conservador e Restaurador. São autores dos números integrantes do grupo e convidados. Textos de outros autores poderão ser publicados se estiverem de acordo com o escopo da publicação. Propostas de colaboradores podem ser enviadas para o email do grupo (petconservacaoerestaurao@gmail.com).

Coordenadora do curso de Conservação e Restauro de Bens Culturais e Móveis da UFPEL
Daniele Baltz da Fonseca

Bolsistas do grupo PET C&R da UFPEL

Bolsista PET CR/UFPEL Adriane Abraão Tejada
Bolsista PET CR/UFPEL Ana Carolina Brito
Bolsista PET CR/UFPEL Bárbara Moraes
Bolsista PET CR/UFPEL Elisa Elias Cabete
Bolsista PET CR/UFPEL Francielle Rosa dos Santos
Bolsista PET CR/UFPEL Larissa Rodales da Fonseca
Bolsista PET CR/UFPEL Marina Rodrigues da Silva Alves
Bolsista PET CR/UFPEL Milene Sequeira Araújo
Bolsista PET CR/UFPEL Pétrya Brião Biscoff
Bolsista PET CR/UFPEL Rafael Nolasco
Bolsista PET CR/UFPEL Simone Bittencourt de Freitas

Produção projeto gráfico
Bruna Peres Cardoso

Tutora Grupo PET C&R UFPEL
Profª. Drª. Daniele Baltz da Fonseca

Site:
conservacaoerestaurao.wix.com/pet-cr

Endereço:
Rua Almirante Barroso 1202,
CEP: 96010-280, Pelotas - RS

 PET Conservação e Restauro UFPEL

PROJETO DE EXTENSÃO



Por Milene Sequeira Araújo
Bolsista do Grupo PET CR

RESTAURAÇÃO DA ESCULTURA FUNERÁRIA DE JACOB ALOYS FRIEDERICHS

O projeto de pesquisa tem como coordenadora a Prof.^a Dr.^a Luiza Fabiana Neitzke de Carvalho, que recebe apoio do PET (Programa de Educação Tutorial) Conservação e Restauo da Universidade Federal de Pelotas. A equipe é composta pelas alunas do curso de bacharelado em Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis e são elas: Giovana Borges Peres (4º semestre), Juliana Iost Damasceno (4º semestre) e Milene Sequeira Araújo (4º semestre), bolsista do grupo Pet Conservação e Restauo.

A escultura estudada é uma alegoria da fé, nela está representado um homem de idade avançada, de barba, vestido com um manto e um chapéu preso nas costas. Ele está abraçado à uma cruz, e aos seus pés estão as flores de papoula e as folhas de acanto. Foi totalmente feita em um único bloco de pedra arenito, rocha que é popularmente conhecida como pedra grês. A obra encontra-se no cemitério São José II na cidade de Porto Alegre / RS.

O objetivo do projeto é investigar e analisar o estado de conservação, propor uma intervenção de conservação-restauração e realocá-la no cemitério São José, de onde a escultura foi retirada para passar pelo menos uma década no Crematório Saint Hilaire, em Viamão. Não é possível que a escultura volte para seu túmulo de origem, pois a capela onde a escultura ficava não existe mais. A proposta é colocá-la em um local no cemitério São José II na cidade de Porto Alegre / RS, para que possa ser apreciada pela comunidade em geral, e assim iniciar um programa de educação

patrimonial em cemitérios.

O projeto já passou por algumas etapas: acompanhamento histórico, registro fotográfico, diagnóstico do estado de conservação da escultura, identificação das manifestações patológicas e mapa de danos faltando algumas etapas nas quais a equipe está trabalhando para a finalização. Participaram como consultores do projeto diversos profissionais: especialistas em transporte de obras de arte, biologia e restauradores, o que corrobora com o princípio de multidisciplinaridade da área de conservação e restauração. No momento contamos com exames laboratoriais.

Após finalizadas todas as etapas, os resultados serão expostos e contribuirão para o desenvolvimento de uma metodologia de restauro de bens culturais em materiais pétreos, além de gerar publicações.



Foto: Luiza Fabiana Neitzke de
Cavalho

CRÔNICA



Por Elisa Elias Cabete
Bolsista do Grupo PET CR

CONTOS DE PESCADOR: UM OLHAR SOBRE A COLÔNIA Z3

Aproveitando a semana acadêmica integrada dos cursos de Museologia e Conservação e Restauração, fizemos um pequeno passeio a Colônia Z3, localizada na praia do Laranjal em Pelotas/RS.

Em nosso passeio pudemos conhecer o senhor Élio Xavier Sabino, um pescador de sessenta e cinco anos, cheio de histórias e conhecimentos para passar.

Entre muitos objetos de valor sentimental, Sr. Élio faz questão de mostrar o seu “livreto”, onde, desde ainda muito jovem, marcava todas as informações das vendas de seus peixes. Informações que vão de peso dos peixes ao valor pago na venda dos mesmos na época, além, é claro, de para quem foi vendido o peixe. E muito metucioso, ainda separava todas as informações por espécie, “pra facilitar o trabalho” dizia ele.

Sr. Élio nunca foi para a escola, um primo o ensinou a ler e escrever até os seus doze anos, mas, par o pescador o mais importante era aprender a matemática. “Quando eu completasse dezessete anos, ficaria responsável pela livreta do meu pai”, relembra ele, “eu não confio na calculadora, eu confio é no lápis e no papel”.

Sua inteligência não vem da escola, que nunca teve oportunidade de frequentar, e sim do que aprendeu no dia-a-dia. E pode perguntar qualquer coisa, “seu” Élio garante uma resposta. O assunto roda em vários temas, de pesca, meteorologia á tecnologia. Essa última, porém, não o agrada muito. Para o pescador a tecnologia pode ajudar, mas também é um fator para a burrice. Mexer

em celular, então, nem pensar, e mesmo os equipamentos tecnológicos para a pesca não são necessários. “O pescador antigo ia para o mar com o nariz! [...] Não quero perder tempo, eu quero é viver o tempo!”.

Quando lhe é perguntado do porque que esse conhecimento de pesca hoje não é mais passado por gerações como era antes, Sr. Élio responde com pesar que isso se dá principalmente porque os pescadores antigos não querem mais que seus filhos fiquem na pesca. “Nos anos 70 a lagoa estava viva, tinha muita fartura e variedade, mas hoje, já faz uns anos que a lagoa está morrendo. Faz cinco anos que não se dá mais camarão”. E isso é facilmente provado através das marcas do livreto.

As curiosidades não ficam só na fala do pescador, mas também em seus bolsos, que são um verdadeiro caso à parte.



Registro fotográfico da roda de conversa.

Foto: Larissa da Fonseca

A todo momento novas coisas surgem, como o documento de identidade de sua esposa, já falecida, está sempre com ele. Dele também saem documentos da sua época no sindicato dos pescadores, e até mesmo uma tesoura pequena, que ele usa para cortar a rede quando precisa remenda-la.

Para o Sr. Élio, a rede tem um grande significado, ela não é apenas seu sustento, mas é também nela que ele encontra sua criatividade. Dos vários objetos que ele foi mostrando, a rede está sempre presente, seja em objetos de pesca, como as agulhas que ele usa para costurar a rede, até um barômetro, um instrumento que mede a pressão atmosférica e possíveis mudanças no tempo. Esse objeto, o queridinho do Sr. Élio, pertenceu ao seu pai, e já vinha na família há um tempo. Para ele, o objeto tem um grande valor sentimental, mas o próprio Élio reconhece que se o objeto fosse levado a outro lugar, para um museu, então toda a história que ele possuía iria sumir, perder o significado, pois o dono dele, para quem ele tem significado, não estaria mais ali para passar esse significado ao visitante.

Entre as conversas é possível notar a diferença do termo conservar para o pescador Élio, e para os alunos ali presentes. Como o professor Diego Ribeiro ressaltou, o termo conservar possui diversos significados. Para o senhor Élio, o chumbo de barro deixado em um canto do quintal estava conservado, se ele não tivesse conservado não estaria ali. Para ele o simples fato do chumbo de barro existir em um canto da casa, já é um ato de conservação. E quando questionado se poderiam levar o chumbo ele logo responde "leva, não é mais importante para mim, eu não uso mais ele, então não importa".

Para ele pequenos objetos como o chumbo que não se usa mais, passam a ter um significado que para um profissional de um museu ou um restaurador-conservador é imposto devido a um significado cultural, muitas vezes, construído. Mas ao mesmo tempo ele nota que ao retirar um objeto de valor afetivo de um local, e levar ele para um museu, por exemplo, tira dele todo o sentimento e emoção patrimonial, pois quem ali olha o objeto, não reconhece nele mais as características que ele possuía em meio ao seu local de origem. De que adianta o objeto, se a pessoa não souber o que é aquilo, se essa pessoa não tiver contato com

a bagagem de memórias que ele leva, o objeto perde seu significado.

Disso podemos ver também a rede, que se transforma em outro objeto, carregado de memórias, para então criar todo um novo conjunto de memórias dentro do que ele vai viver como colar, ou pequenas redes de enfeite. Levar essa mesma rede para dentro do museu imobiliza sua história, impede que ela se transforme e crie novas histórias.

Sentados em uma varanda, em um dia ensolarado, somos levados a refletir acerca de um universo de que não fazemos parte, o universo da pescaria, e de tantos objetos carregados de sentimentos e memórias, e vamos aos poucos refletindo sobre o velho dilema de um museólogo, de um conservador-restaurador. O que preservar? Pra que preservar? Para quem preservar?

Afinal, o que é um patrimônio cultural?



Sr. Élio ao lado do seu trabalho com redes
Foto: Larissa da Fonseca

EVENTO

RELATO DA III JORNADA DE MUSEOLOGIA, CONSERVAÇÃO E RESTAURAÇÃO



Por Pétrya Brião Bischoff
Bolsista do Grupo PET CR

A III Jornada da Museologia, Conservação e Restauração, que ocorreu de 2 a 6 de outubro de 2017, no Campus ICH II, e contou com a participação de alunos de cursos diversos da instituição e de outras instituições, apresentou um cronograma de atividades elaborado por alunos bolsistas e voluntários e supervisionado por tutores e professores de ambos os cursos.

Dentre palestras, oficinas, rodas de conversa e apresentações de trabalhos, buscou-se contemplar atividades específicas para os cursos de Museologia e Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis, assim como interesses afins de ambas as áreas, que abrangem história, artes, patrimônio cultural, educação patrimonial e o próprio fomento à pesquisa científica.

Na segunda-feira, além do credenciamento nos três turnos, houve, pela manhã, a mesa redonda "Velhos acervos, novos atores: patrimônio, discurso e poder na contemporaneidade", com a participação do Prof. Dr. Daniel Viana de Souza, o Prof. Dr. Diego Ribeiro e a Profª. Ms. Sarah Maggitti. À tarde a Profª. Ms. Raquel Augustin realizou, em dois horários, a oficina "Laudo Técnico". Já a programação da noite foi a abertura oficial do evento com a mesa redonda "Visibilidade de acervos", que contou com a participação da Profª. Drª. Andréa Bachettini, Prof. Dr. Fábio Vergara e Profª. Drª. Letícia Ferreira.

Na manhã de terça-feira tivemos apresentação de grupos de Capoeira com o Prof. Dr. Cláudio Carle e à tarde e à noite foram realizadas as apresentações dos trabalhos submetidos pelos acadêmicos de cursos diversos da UFPel e outras IES.

Na manhã da quarta-feira houve a fala da Profª Louise Alfonso, acerca do Passo dos Negros e andamento do Projeto. À tarde realizou-se a oficina "Arte, Museu e Censura: O caso do Santander Cultural", com o Prof. Dr. Daniel Viana de Souza, seguida da palestra "Patrimônio Imaterial", com o Doutorando da PPGMP Darlan Marchi. À noite prestigiamos a mesa redonda "Acervo e Discurso", com a Profª. Drª. Rita Juliana Poloni e a Ms. Flávia Alcino Santos.



Foto: Mesa Redonda com a Profª. Drª Rita Juliana e Ms. Flávia no quarto dia de evento

A quinta-feira foi marcada por uma oficina intitulada "Grafiteiros", com Mari Lucie Loreto, no turno da manhã, e no turno da tarde, pelo plantio de árvores em frente ao ICH II em alusão à Primavera dos Museus. Estiveram presentes alunos, professores e autoridades da instituição. Também à tarde realizou-se, na Colônia Z3, a roda de conversa

“Etno-preservação nas falas dos idosos da Colônia Z3”. Já à noite, contemplou-se a roda de conversa “Acervos Digitais e Digitalização”, com as convidadas Prof^a. Dr^a. Clarisse Ismério, da URCAM-P-Bagé e a Ms. Andrea Gonçalves dos Santos, da FURG. Ambas apresentaram perspectivas diferentes acerca da necessidade de digitalização do patrimônio, seja pelo viés de preservação do objeto enquanto documento histórico, seja considerando as potencialidades de uso educativo e como auxílio científico para a comunidade acadêmica.

A manhã de sexta caracterizou-se por uma assembleia dos estudantes para estabelecer as diretrizes para o próximo ano, e uma confraternização dos mesmos. A programação da tarde abarcou uma visita ao Museu de Ciências Naturais Carlos Ritter e uma oficina intitulada “Representação do patrimônio edificado da UFPel”, ministrada pelo Prof. Dr. Roberto Heiden. À noite, o encerramento da Jornada ocorreu com a mesa redonda “Política de Acervos”, tendo como convidados o Prof. Dr. Diego Ribeiro, a Ms. Luciana Peixoto e a Prof^a. Dr^a. Francisca Ferreira Michelin, também homenageada da noite pelo grupo PET Conservação e Restauro.

O evento registrou 120 inscritos, entre ouvintes e apresentadores de trabalho, considerando dezesete inscrições de acadêmicos de outros cursos que não Museologia e Conservação e Restauração, sendo que houve 12 submissões de resumos expandidos. Noventa por cento das inscrições foi proveniente de acadêmicos da UFPel, mas também recebemos discentes da UFMG, UFRJ, UFBA, FURG e UFRGS.



Foto: Oficina de Laudo Técnico oferecida pela Prof^a Ms^a Raquel Augustin no primeiro dia do evento.



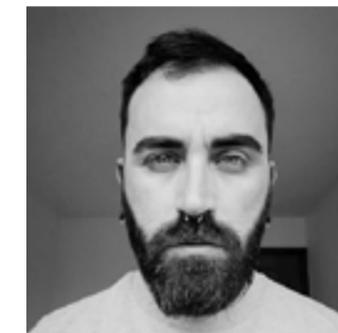
Foto: Oficina de Grafite oferecida pela Mari Lucie Loreto no quinto dia de evento.



Foto: Acervo do Museu Carlos Ritter visitado no quinto dia do evento.

ENTREVISTA

ENTREVISTA COM RITA JULIANA S. POLONI



Por André Maragno
Ex-Bolsista do Grupo PET CR

Informações sobre a entrevistada

Professora no curso de Conservação e Restauração de Bens Culturais Móveis da UFPel, possui Mestrado em Teorias e Métodos da Arqueologia pela Universidade do Algarve (2007). Pós-graduada em Antropologia Cultural pelo Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa (2011), Doutorada em História da Arqueologia pela Universidade do Algarve (2012), e Pós-doutorada em Arqueologia pela UNICAMP (2015). Atualmente realiza pesquisa pós-doutoral no Programa de Pós Graduação em Memória Social e Patrimônio Cultural da UFPel. Suas áreas de interesse incluem Ciência Colonial, Ciência e Fascismos, Nacionalismos, Etnogenealogias, Etnoarqueologia, Patrimônio, Ditaduras e Memórias traumáticas, tanto no contexto brasileiro, quanto português.



Como começou sua paixão por arqueologia? Ou como vc descobriu na arqueologia sua vocação?

Muitas pessoas dizem que sonhavam ser arqueólogas quando crianças, mas esse não foi o meu caso. Eu sempre sonhei ser professora. Quando terminei a graduação em História, já vinha de um percurso de quatro anos como professora no ensino fundamental e médio e entrei no Mestrado em Educação. Era um programa marcadamente pós-moderno e na altura eu tinha muitos questionamentos sobre o que tinha estudado e pesquisado até aquele momento. Queria experimentar um campo científico mais “duro” e ter alguma vivência fora do país. A convite do meu companheiro, resolvi me inscrever para um Mestrado em Teoria e Métodos da Arqueologia, na Universidade do Algarve, Portugal. Era o mais próximo que podia me aproximar de um campo científico mais “duro” sem me afastar muito da minha formação inicial. Ambos passamos e resolvemos seguir adiante com essa aventura. Acabei me tornando arqueóloga no percurso. O que era para ser uma experiência de Mestrado de dois anos, ampliou-se para o Doutorado, e acabou redirecionando a minha carreira.

Qual foi o trabalho de maior impacto pessoal que você vivenciou dentro da arqueologia?

Creio que foi o trabalho desenvolvido no Laboratório de Arqueologia Pública da Unicamp. Foram anos de vivências intensas, tanto no contexto acadêmico, em contato com



pesquisadores e com temas de grande relevância científica, quanto no contexto social, discutindo e avaliando os diálogos entre ciência e sociedade. Foi ali que surgiu na minha vida o campo de pesquisa da Arqueologia da Repressão e da Resistência, que trabalha com contextos traumáticos, tais como as ditaduras latino-americanas e que tem sido de grande importância na minha carreira nos últimos anos.

Como foi o contato com conservadores-restauradores dentro do seu campo profissional?

O Mestrado e o Doutorado em Arqueologia que fiz na Universidade do Algarve, nasceu dentro de uma graduação de Patrimônio Cultural, que formava tanto arqueólogos quanto especialistas no campo da Conservação e Restauração. A convivência com essa temática nasceu, então, logo durante o mestrado. Depois, o trabalho no Laboratório de Arqueologia Pública trouxe uma permanente preocupação com o tema da conservação preventiva, sobretudo, o que acabou por aprofundar meu interesse nesse campo. A experiência que tenho tido agora no curso de Conservação e Restauração da UFPel é, de certa forma, a consagração de diálogos que têm sido construídos ao longo da minha formação acadêmica e que têm sido de grande importância para mim, neste momento.

Como tem sido a experiência de docência e pesquisa na área da conservação e restauração?

Como disse, tem sido uma experiência realmente enriquecedora, tanto no que se refere aos diálogos com o tema da Conservação e Restauração, quando em relação ao público com quem tenho lidado. São pessoas maravilhosas, alunos e professores, e que têm acrescentado muito à minha vida profissional e pessoal.

Qual seu principal conselho para estudantes que querem seguir a área de Arqueologia/Conservação de artefatos arqueológicos?

É a mesma que eu daria para quem quer seguir qualquer outra área: nunca perca a curiosidade. Aprender sobre todas as temáticas possíveis relacionadas ao seu campo científico e manter a mente aberta para refletir sobre novas abordagens e metodologias e novos objetos e problemas de pesquisa: essa deve ser a postura do bom pesquisador em qualquer campo que escolha.

INFORMATIVO

Aqueles que tem interesse em participar do PET, fiquem atentos, pois teremos um edital de seleção acontecendo em breve!

As inscrições abrem em dezembro e para saber como funciona é só ficar ligado no site do grupo pelo endereço:

<http://conservacaoerestauo.wixsite.com/pet-cr>

Para saber mais sobre o PET acesse: <http://portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/PETmanual.pdf>

EM DEBATE

O Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo (IEA) traz no dia 15 de dezembro a próxima mesa-redonda do ciclo em debate: A conservação e a restauração no Brasil que terá como tema “A Parceria da Conservação-Restauração com as Ciências Naturais”

A mesa redonda terá início às 10hs da manhã e contará com transmissão ao vivo pelo YouTube. Quem estiver pelo campus ICH II na Barroso pode se juntar ao PET para assistirmos juntos a transmissão ao vivo.

Para mais informações é só ficar de olho no facebook do PET.

CAFÉ COM TEXTO

Para aqueles que precisam de uma ajuda com a ferramenta de texto Word, fiquem ligados!

O PET está promovendo um ciclo de oficinas para dar o empurrãozinho que faltava para o seu trabalho ficar com a formatação perfeita!

No dia 29 de novembro teremos a primeira oficina: “O programa a favor do texto”. Em que será abordado como utilizar a ferramenta do Word na elaboração de trabalhos acadêmicos. Nesse dia a oficina acontecerá em dois horários, sendo a primeira oficina às 14hs e outra, com o mesmo tema, às 19hs. Para saber como se inscrever é só entrar no facebook do PET.